

AS MUITAS VOZES DO INTELLECTUAL TRISTÃO BARROS NA CONFIGURAÇÃO DE UM IDEAL DE MODERNIDADE EM CURRAIS NOVOS (1920-1930)

Joedson Weslly de Medeiros Batista
Eva Cristini Arruda Câmara Barros (orientadora)
Departamento de Ciências Sociais e Humanas – UFRN

O presente trabalho analítico-reflexivo tem como fulcro a leitura dos textos de Tristão Barros (1896-1936), este enquanto intelectual moderno, produtor de um acervo literário o qual está inserido na *Revista Literária Ninho das Letras* editada de 15 de novembro de 1925 a 01 de janeiro de 1927 e nos jornais *O Porvir* e *O Galvanópolis*, que circularam de 02 de maio de 1926 a 20 de janeiro de 1929 e de 30 de março de 1931 a 15 de novembro de 1932, respectivamente, em Currais Novos/RN. Reconhecido como artesão da palavra, encontramos nele o perfil do homem que utilizou da sua verve para agir em prol do desenvolvimento do seu meio, mais especificamente em nosso estudo, da cidade de Currais Novos entre o período que vai de 1920 a 1930. Como não seria diferente, estando preso ao tempo presente, o artista moderno, se vê dividido entre os ideais progressistas advindos como as novas descobertas das ciências e as idéias tradicionais do ambiente rural, a vida simples e pacata na lida com a terra, o moralismo conservador. A recorrência do jogo pseudonímico em sua obra é mais um dos elementos característicos do eu plural, também podemos enxergar os pseudônimos como máscaras que lhe servem para não ser reconhecido por olhares maléficis circundantes. Este estudo está vinculado à Base de Pesquisa Cultura e Educação no Seridó norte-riograndense e insere-se no Projeto de Pesquisa *A modernidade curraisnovense nas letras do intelectual Tristão Barros (1920-1930)*.

Palavras-chave: Tristão Barros, intelectuais, modernidade.

O INTELLECTUAL

Para fundamentar a imagem de Tristão enquanto intelectual utilizamos como referencial o texto *Os intelectuais* de SIRINELLI (1996). Mesmo estando em número reduzido, um pequeno grupo de intelectuais ou um só intelectual produz um eco ideológico que permanece por muito tempo na história. Como ator político inscreve sua ação sempre que necessário no tempo curto do debate cívico. Influenciando a imaginação e a sensibilidade de seus leitores. Para Sirinelli, o intelectual sempre em defesa de alguma causa, possui dois elementos de natureza sociocultural que o possibilita a tal ação, podendo ser a notoriedade eventual, ou a sua especialização que o caracteriza segundo os olhos condescendentes da sociedade como privilegiado, legitimando sua intervenção.

A leitura deste texto possibilitou a compreensão de como proceder enquanto pesquisador de um intelectual, neste trabalho de pesquisa estando em destaque como

fonte fluida de análise e reflexão o intelectual Tristão Barros e sua obra, “nesse registro, sem dúvida alguma, simpatias nascem, antipatias crescem, todo acompanhando as curvas da evolução eventual do pesquisador. Mas que ocultar o fenômeno, sem dúvida é preciso tomar plena consciência dele, assumi-lo de algum modo, a fim de avaliá-lo.” (SIRINELLI, 1996: 239).

Tristão em seus discursos se aproxima com grandes nomes da literatura modernista brasileira como Euclides da Cunha, Monteiro Lobato e Lima Barreto, hábeis em retratar o brasileiro oprimido, explorado, submetido à ganância de uma elite retrograda e mesquinha. Como nacionalista, se auto-enxergava com o dever de moralizar a vida política, desenvolver o país e diminuir a miséria no campo. Pensando no que foi anteriormente dito, temos em Sirinelli a comprovação que “Todo grupo de intelectuais organiza-se em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinante, que fundam uma vontade e um gosto de conviver.” (SIRINELLI, 1996: 248).

Pensando de forma mais abrangente em um todo, no campo intelectual que inevitavelmente está inserido Tristão Barros e nas influências que este sofre de outros indivíduos integrantes de um grupo mais forte financeiramente, o campo do poder. Para tais reflexões, temos BOURDIEU (1990) em *O campo intelectual: um mundo à parte* afirmando que cabe o entendimento de que o campo intelectual está submetido ao campo do poder, constituído dos detentores do capital financeiro, sendo a força (capital) destes que delimita a ação daquele, a dominação simbólica “o poder sobre um uso de uma categoria particular de signos” (BOURDIEU, 1990: 174) influenciando a visão do mundo natural e social. Os intelectuais são uma pequena parte de um grupo mínimo dos detentores do poder político e econômico e do privilégio concedido pelo capital cultural, manipulador da grande massa populacional.

A produção literária de Tristão Barros está assim submetida ao campo do poder, já que fazendo parte como elemento constitutivo do campo intelectual, ele tinha a necessidade de tomar o cuidado de não se expor contra os dominantes, com sua genialidade encontra nos pseudônimos um modo de se proteger das investidas contrárias dos donos do capital, os fazendeiros “coronéis” e os políticos corruptos. Mais ainda Tristão se caracteriza como o intelectual que supera seu interesse pessoal a favor do sentido comum. Como criador na acepção de Bourdieu, encontramos em Tristão e no seu fazer literário aquele que utilizando seu potencial criador e modelador das representações “transforma profundamente a visão do mundo, ou seja, as categorias de percepção e de apreciação do mundo, os princípios de construção social, a definição do que é importante e do que não é, do que merece ser representado e do que não merece.” (BOURDIEU, 1990: 179). Um revolucionário simbólico, agente transformador das estruturas mentais, transmitindo os mais recônditos sentimentos humanos em prol da conscientização, incomodando profundamente os cérebros de seus leitores, causando a revolução por excelência. Na ótica recalcada, onde prevalece a obscuridão do estado implícito das coisas, o intelectual traz em si a labareda iluminando as consciências para o real estado da vida sócio-político e cultural.

Em sua obra *A economia das trocas simbólicas* BOURDIEU (1992) mostrou-nos a verdadeira condição para a determinação do caminho seguido pelo intelectual em sua vida “não é a condição de classe que determina o indivíduo, mas o sujeito que se auto-determina a partir da tomada de consciência, parcial ou total, da

verdade objetiva de sua condição de classe.” (BOURDIEU, 1992: 189). A sensibilidade ideológica de Tristão o impelia a reivindicar os direitos dos homens de vida simples, presos nos *currais eleitorais* dos grupos oligárquicos. Mesmo estando financeiramente mais próximo dos grandes fazendeiros e intelectualmente dos detentores do poder da escrita, nosso pensador não se recolhia na sua fazenda aceitando seu destino. Como artesão das palavras, buscou criar um projeto literário de conscientização dos homens, daqueles que viviam subjugados aos mandos e desmandos dos coronéis.

Vislumbramos Tristão como estando mais para a segunda posição (dominantes- DOMINADOS), segundo a divisão tipológica de Bourdieu para determinar os intelectuais, pois encontramos em seus textos as características da “arte social”, inquieta com a realidade a sua volta, solidária com as classes dominadas, hostil em relação às frações dominantes das classes dominantes que subjugam, marginalizam, relegando os menos favorecidos, os trabalhadores, a miséria e ao analfabetismo. Uma escrita representativa do real miserável das condições de muitos homens brasileiros, com a intenção de mudar está realidade, expõe o quadro fatídico da grande massa do povo brasileiro, para todos aqueles que desejarem ver e reconhecer esse mundo dos abonados na vida que tantas vezes é relegado ao esquecimento.

Entrecruzam-se nas narrativas do intelectual Tristão Barros os mais variados tipos humanos. Todos se unem em um coquetel subjetivo, com suas faces representativas do indivíduo moderno e por isso plural em suas aspirações, transmitindo sentimentos comuns a toda humanidade. As representações sociais vislumbradas nos vários pseudônimos, os quais fazem parte da produção literária deste artesão das palavras que estamos a trabalhar, são os constituintes simbólicos de um indivíduo que esteve no decorrer de sua vida em conflito, onde o eu real mantém diálogo com seus eus fictícios, sujeitos que se complementam e ao mesmo tempo contraditórios, formam unidos, a imagem do homem dividido entre os afazeres do trabalho no ambiente campesino e na urbe.

Multifacetado em sua construção do universo ficcional, constatamos um paralelo entre este e o contexto histórico e à realidade social. Nas letras deste intelectual encontramos a exaltação e a conformação aos novos e progressistas pensamentos advindos com os paradigmas da modernidade, mas também enxergamos a expressão e o sentimento de resistência dos moradores do meio rural. A preocupação com a educação é uma das mais recorrentes temáticas de toda a sua obra. Ele conclama todos os seus contemporâneos a se instruírem, apresentando em sua fala os motivos da pobreza daqueles que vivem no campo, sendo a falta de estudo um deles, com isso, não podendo, ou melhor, não sabendo reivindicar seus direitos.

Em Tristão Barros, encontramos as características dos intelectuais modernos, unos e plurais. O homem da cidade e o homem do campo se unem para formar o eu sensível às mudanças, condescendente e crítico. A partir desta perspectiva, encontramos na vida deste homem os alicerces fundamentais para o desenvolvimento de um projeto literário de multifacetado, o eu uno real se subdivide em personagens com olhares variados e particulares no modo de enxergar o mundo que os circundam.

Compreendendo que em toda a escrita, seus autores se propõem a desenvolver um projeto, com intenções predeterminadas de condicionar seus leitores à assimilação das idéias e a conformação a estas. Os textos de Tristão estão inflamados por ideais de progresso, como a adequação dos espaços, a possibilidade de educação

para todos, tencionando assim influenciar seus leitores. Para a fundamentação teórica temos CHARTIER (1990), pensando nas práticas sociológicas ocorridas no momento da leitura, sendo a obra, ou melhor, o texto como o elemento mediatizador das ações provenientes da correlação entre o autor e o leitor, o primeiro buscando induzir com sua habilidade escrita o segundo, este no ato da leitura estando livre para inventar sentidos não pretendidos e singulares para o texto. Sendo entendida a possibilidade interpretativa condicionada por diversos fatores, como: a competência, as expectativas e as disposições dos leitores “Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto, mas, por seu turno, este inscreve-se diversamente nos seus leitores.” (CHARTIER, 1990: 123).

Não esquecendo que todo texto está preso a um suporte que o dá a ler, os textos objetos de nosso estudo foram impressos nos suportes – revistas e jornais. Estão onde estão devido à necessidade dos intelectuais e dos donos do poder de apresentarem seus ideais, inculcando estes no máximo de indivíduos. Diferentemente dos livros, os jornais e as revistas tinham um custo de edição bem mais barato, podendo assim abranger com sua produção um número maior de leitores. Procurava adequação no modo de se expressar – maior erudição para os detentores do padrão da língua culta e maior coloquialidade no fazer literário para os homens humildes, semi-analfabetos – como um fator de aproximação com seu público, constituído de uma diversidade de indivíduos.

“Com efeito, numerosos textos têm por objetivo anular-se enquanto discurso e produzir na prática comportamentos ou condutas tidos por legítimos e úteis.” (CHARTIER, 1990: 135). Moldar as mentes segundo o desejo de que haja uma padronização, uma massificação e uma unificação das consciências e condutas, determinando as formas da percepção humana em dada época. As praticas do impresso

fixam ou são portadores da palavra, cimentam as sociabilidades e prescrevem os comportamentos, (...) atravessam o foro privado e a praça publica, levam a crer, a fazer ou a imaginar: revolvem a cultura na sua totalidade, compondo com as forças tradicionais da comunicação, instaurando novas distinções. (CHARTIER, 1990: 138).

A RUA E O CAMPO

Movido pelos intensos sentimentos estimulados pelas constantes passagens do campo a rua – cidade, mais especificamente Currais Novos (1920-1930) – Tristão Barros, se encontra dividido entre seus pensamentos de um homem moderno da cidade, movido pela força das máquinas, pela efervescência intelectual que impulsionavam a nação Brasil ao progresso e ao desenvolvimento da indústria e do seu povo nos primeiros anos do séc. XX, mas não podendo esquecer sua realidade de homem ligado ao campo, dependente deste.

Sua vida, como todo o Brasil, passavam pelas influências promovidas pelos ideais de uma modernidade à européia. O europeu significava o alcance maior da civilização ocidental, o símbolo de um progresso e refinamento jamais experimentados pelos brasileiros. Em algumas cidades, certas ruas ficaram mais amplas e bonitas procurando imitar os *boulevards* parisienses. Algumas ganharam praças e jardins

arborizados. Novos edifícios copiavam o que era novidade na Europa da época. Nos cafés ou nas calçadas das ruas do comércio, homens e mulheres passeavam vestidos na “última moda”. Os mais ricos passaram a circular motorizados. Os teatros e os cinemas já estavam à disposição do público das grandes cidades, mas não só nestas, as cidades do interior do país também buscavam se adequar aos novos padrões de um ideário de modernidade.

Currais Novos não fugindo a essa realidade, do final do século XIX até as primeiras décadas dos anos 1900, desponta como pólo urbano do Seridó Norte-Rio-Grandense. Assim,

[...] mesmo não tendo sofrido a mediação de planos elaborados por profissionais, Currais Novos soube promover o indispensável à realização de um projeto de cidade, pretendendo-se moderna e perseguindo princípios de salubridade, higiene e reordenação de espaços. Dessa forma, latrinas foram construídas. Animais que circulavam livremente passaram a ser mantidos em cercados, de modo que não ficassem próximos ao centro da cidade. A limpeza urbana tornou-se uma prática. A iluminação pública passou a ser um bem de consumo. Além de todas essas mudanças, construções que obstruíam a criação de novos espaços e casas como as de taipa, que não se harmonizavam com o novo conceito de centro de cidade, passaram a ser deslocadas para as zonas periféricas. (BARROS, 2008)

Para tais compreensões da modernidade desenvolvida em terras brasileiras e sua influência nos indivíduos, tomamos como referência os estudos de HERSCHMANN e PEREIRA (1994) em sua obra *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Os novos ideais de modernidade pregavam a reordenação do conjunto com o intuito de superar os conflitos e as contradições geradoras de confusões, surgindo em contrapartida às concepções de pluralidade, a segmentação dos interesses, os indivíduos modernos se encontram divididos entre a força das máquinas, o progresso, e a tradição moralizante da vida no campo. O homem moderno inevitavelmente inserido neste contexto busca a homogeneização sócio-político-cultural dos pensamentos, a partir de um discurso perpassado pela multifacetada caracterização do seu ser fisicamente uno, mas plural em sua essência psíquica. Procurava-se adequação do paradigma moderno a realidade agropecuária da nossa sociedade nas primeiras décadas do século XX. Como base de sustentabilidade a este projeto de (re) estruturação do ambiente citadino, vislumbramos os intelectuais especialistas (médicos, engenheiros, educadores) em suas áreas de atuação, cada qual desempenhando seu papel normatizador, conformador e organizador, dos corpos, dos espaços urbanos e das mentes humanas: “(...) idéias como novo, progresso, ruptura, revolução e outras nesta linha passam a fazer parte não apenas do cotidiano dos agentes sociais, mas, principalmente, a caracterizar o imaginário, o discurso intelectual e os projetos de intervenção junto à sociedade.” (HERSCHMANN e PEREIRA, 1994: 14).

Paralelamente ao homem modernista, vislumbramos o homem do campo de vida simples, mas reservando momentos de reclusão necessários às suas reflexões, vivendo feliz no seu mundo bucólico.

Como as atividades campestres ocupavam muito do seu tempo, decide

deixar a atividade de comércio de farmácia, vendendo esta a Abílio Chacon. Seu espírito empreendedor o impulsiona aos projetos de melhorar o nível do rebanho com matrizes melhores, além de colocar a força a vapor (máquina de caldeira a vapor; máquina de serras que descaroça o algodão; prensa) para funcionar e aumentar a produção da casa de farinha, onde o sistema era muito artesanal, pois o rodete moía a mandioca ao ser acionada por um relho ligado à roda grande, tudo movido pela força dos puxadores que eram sempre homens bem fortes, empregados da fazenda.

Como dono da terra, Tristão tinha empregados para os serviços de cerva, broca, plantação de algodão e limpa. Mas, como típico representante dos filhos da terra, sua participação era lugar comum em todas as tarefas da lida diária, como no plantio de fruteiras, na prática da ordenha, nos desmatamentos para o plantio do roçado de algodão e no combate as pragas: foliar formiga, queimando um veneno tido como perigoso – arsênico – com uma máquina de fole que produzia a fumaça venenosa.

A vida pacata proporcionava encontros diários à noite na cozinha, espaço amplo onde ocorria o debulhar do feijão, sempre envolto em conversas animadas com os homens da safra. Estes serões eram animados por estórias populares.

As idas a rua – cidade – ocorriam mais frequentemente nos dias de feira, segunda-feira, indo a cavalo. Era uma viagem muito cansativa, mas muito divertida. No caminho encontravam-se muitos companheiros de viagem ostentando seus animais bonitos e bem arreados. As conversas eram bem animadas e sempre versavam sobre chuva (o ouro sem cor para todo o sertanejo seridoense que vivia no ambiente rural), safras e assuntos de suas redondezas. Afora os cavaleiros que andavam em passo de galope, baixo ou esquipado, vinham também os tangedores com cargas de lenha ou outros produtos para negociar na feira.

No caminho de volta à fazenda, os homens se encontravam nos “barracões” situados na saída da cidade, ponto de encontro para prosas sobre os preços das mercadorias e outras novidades da rua. No tempo de campanhas políticas, as conversas se tornavam mais prolongadas e as discussões acirradas.

Quantos aos que gostavam muito de bebidas alcoólicas sempre em companheiros. No entanto, esse não era o caso de Tristão que não gostando destas bebedeiras, logo se retirava, seguindo seu caminho para casa.

A PROTEÇÃO DAS MÁSCARAS

Para a concretização do seu projeto literário de conscientização dos homens, daqueles que viviam subjugados aos mandos e desmandos dos coronéis, Tristão sabia que iria sofrer as retaliações dos donos da terra, detentores do poder financeiro, insatisfeitos por seus trabalhadores passarem a reivindicar direitos. Como recurso de auto-preservação às investidas violentas e repressoras dos seus inimigos de caráter oposto, ele decide organizar seu fazer literário com base no jogo pseudonímico, assinando seus textos com outros nomes – Cleto Jatobá, K. Zuza, T.B., TOB e TOB JIM – plantando a semente da dúvida nas mentes malignas.

A pseudonímia em suas obras se caracteriza como as máscaras dos artistas de teatro, que estando no palco ao apresentarem seus personagens não podem expor suas verdadeiras faces. Para Tristão, suas máscaras não são meramente objetos de

encenação, elas não são compradas, foram feitas por suas mãos de artesão, fazem parte integrante de seu ser, constituem sua essência.

Os pseudônimos foram um modo que encontrou de se defender, ou melhor, se proteger de qualquer investida contra sua pessoa e família, por ser consciente das ações retrogradadas e violentas dos maiores beneficiários – os coronéis – da inconsciência da grande massa populacional. Muitos inimigos políticos queriam levá-lo à forra, devido aos seus textos altamente críticos:

Lapuadas

Colaboradores anônimos. Conceitos de um vencido. Desocupados! *(Conclusão)*

Ninguém calcula mesmo quanta gente ha sem fazer nada. Não me refiro “aos sem trabalho da política”. É aos que numa moleza talvez maior, arrastados por circunstancias diversas, e não sei si menos serias do que as do grupinho de Arnon, levam a vida.

Conheço desocupados que nada fazem porque nada precisam fazer e também nada lhes falta. Estes atravessam o deserto da vida assim como nós damos um passeio a bonde, depois de uma *panelada* tangida á pinga, roendo a ponta de um cheroso Avana. Conheço também os desocupados que nada fazem porque nada querem fazer. Estes são os mais perigosos. Não pensam no problema da vida e vivem como os passarinhos novos. Abrem o bico esperando que alguém lhe traga um inseto.

Canheço também os desocupados que nada fazem porque nada querem fazer. Estes são os mais perigosos. Não pensam no problema da vida e vivem como os passarinhos novos. Abrem o bico esperando que alguém lhe traga um inseto.

Aproveito a oportunidade para chamar atenção do digno prefeito de Curraes Novos para o seguinte. Ha poucos dias tive a curiosidade de contar as creanças que aqui vivem desocupadas, *morcegando* caminhões pelas ruas. Encontrei 31. Esse numero teve para mim alguma significação porque eu também sei que muitas destas creanças passam noites jogando um tal de “sete e meio” e o proprio “trinta e um”.

Por isso lembro uma providencia cabível, afim do governo municipal evitar a ruina completa destes jovens. Uma escola noturna, OBRIGATORIA seria o unico remedio. Não sei si será crime no Brasil uma escola obrigatoria. E si o for a propria lei ampara o delito. Diz o § 1º do artigo 32 do cod. penal do Brasil: “não serão criminosos os que praticarem o crime para evitar o mal maior.” E uma escola obrigatoria está no caso. (CLETO JATOBÁ, 1931: 4; a citação foi transcrita do mesmo modo que o texto original).

Tristão Barros, como não seria diferente devido ao seu caráter questionador e revoltado com a estrutura política de sua época, foi assassinado em Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, no fatídico dia 21 de Abril de 1936, uma vítima da bondade e da hombridade, dois dos elementos constituintes de seu ser. Os corações desvaneceram, uma onda de melancolia arrebatou as vidas dos homens e mulheres currais-novenses, todos em luto pela morte prematura de um dos seus mais estimados

filhos. Perdeu a vida por acreditar em ideais de liberdade e de igualdade. Moldado por essas crenças, seu caráter o impeliu a denunciar um comunista que, na sua compreensão, ameaçava a ordem, a instabilidade de sua pátria, tantas vezes exaltada em seus versos, lembrando que na sua produção literária também não deixou de mostrar as mazelas que assolavam seus compatriotas, mas sempre com o intuito de alertar, de conscientizar seus irmãos a agirem em prol do desenvolvimento e do progresso da nação.

Seu algoz foi um tenente do Exército insatisfeito por ter sido denunciado pela pregação, que anteriormente fizera em Currais Novos no preparo de subversão que culminou com a intentona comunista de novembro de 1935.

Sua morte permanece na memória de todos que o conheciam como o marco da luta pelos ideais de liberdade e democracia, tanto na cidade onde governou como prefeito – Currais Novos – apoiado pela comunidade currais-novense, sendo nomeado em 1935, pelo Governador recém eleito Dr. Rafael Fernandes Gurjão, como em toda a região do Seridó onde era mais conhecido, também no seu chão origem – Santana, São Rafael – e, ainda, em outras regiões do Estado onde fizera inúmeras amizades.

Contrastando com o seu triste fim no ambiente urbano, temos o nascimento de Tristão no meio campesino, o sítio Barroca Funda, município de Santana de Matos, região onde se concentrava a parentela dos Barros. A alvorada com sua luz nascente e alegre, o suave vôo da passarada ao romper da aurora, anunciam o nascer do dia, um novo dia alegre, 21 de janeiro de 1896, quando nasce o quarto filho de uma família numerosa de onze filhos. Filho do Coronel Luiz Martins de Oliveira Barros e D. Isabel Martins de Macedo Cabral Barros, ambos descendentes de famílias pioneiras no desenvolvimento daquela região.

Fazendo parte do Partido Democrático, era um dos integrantes dos grupos oposicionistas que exigiam reformas democráticas, como a reforma eleitoral. Esperançosos, acreditavam no fim do governo dos coronéis, ou melhor, que as oligarquias fizessem algumas concessões, caso contrário, se arriscavam a ser derrubadas por uma revolução vinda das camadas populares.

ALGUNS RESULTADOS

As leituras dos textos de Tristão Barros forneceram aos nossos estudos, o entendimento de como se processava a configuração do ideal de modernidade em Currais Novos no período entre os anos de 1920 a 1930, nos comunicando nas muitas vozes dos seus pseudônimos a realidade compreendida por diversos olhares que vislumbravam segundo a ótica dos condescendentes com os novos padrões da vida moderna, mas também com a visão temerosa e crítica dos indivíduos que viam as mudanças como prejudiciais a conduta moral já estabelecida pela forma tradicional de se enxergar a vida.

As faces de um povo marcado pela luta incessante de adequação ao mundo moderno, a criatividade de um homem guerreiro que impunha em sua mão a pena da adequação a um novo bem viver, da mudança para uma realidade liberta das garras da desigualdade, ele utilizava das letras como o recurso ao desmascaramento das condições de vida miserável dos homens do campo, abandonados pelos governantes da época, alertando como em um grito agudo e ressequido as mazelas dos pobres esquecidos pela força das elites que se diziam modernas.

Tristão dá voz, sua voz, aos homens discípulos do paradigma moderno, buscando assim fazer com que os homens a sua volta compreendessem a real necessidade de mudanças nos seus padrões de vida, pensando na adequação dos espaços em prol de uma engenharia organizadora do ambiente urbano, na higienização e salubridade ao modo da medicina hodierna normatizando os corpos, e na educação/alfabetização para a conscientização e conformação das mentes. Nestas falas encontramos uma intrínseca relação com os desejos da elite brasileira, ou seja, as pregações modernas estavam para o condicionamento aos desígnios dos detentores do capital financeiro, que ambicionavam como em toda a história da elite no Brasil, a aproximação com a “moda” presente no continente europeu. Mas no seu discurso ouvimos as vozes distantes dos viventes, ou melhor, sobreviventes do ambiente rural, homens de vida simples, solitários devido à distância com outros homens, constatamos assim o êxodo rural, estando às maiores concentrações de indivíduos na urbe, esta sendo vista como lugar de alegria, de festas, constante movimentação de pessoas. Os moradores da “serra” se vêem isolados do desenvolvimento, do grande progresso vivido nas cidades, mas buscam por meio de cartas, mostrarem sua voz, seu desejo de fazerem parte das constantes transformações modernas. Tais representações sociais estão para o discurso de Tristão Barros como elementos de aproximação com as diversas partes da pirâmide social, uma empatia entre o eu-real e o eu-ficcional, provocadora da aceitação e consumo de seus leitores da idéia vinculada em seus textos. Uma ingestão de valores altamente pensados por nosso intelectual, estruturados pela linguagem para fazer com que ocorra a manipulação das mentalidades, a conformação aos ditames pregados e a compreensão segundo a linearidade objetiva do seu discurso.

Para a concretização dessa variedade de olhares perante o seu meio circundante e para as múltiplas vozes comunicativas das assimilações feitas desse real, Tristão conduziu seu fazer literário para o desenvolvimento do jogo pseudonímico, com a leitura pudemos vislumbrar os vários personagens narradores – Cleto Jatobá, K. Zuza, T.B., TOB e TOB JIM – dando voz aos mais diferenciados tipos humanos, influenciados pelos modos de vida também diferenciados (campo e cidade, abastados e miseráveis) e pelos ideais contrários (progresso e tradição, realismo e romantismo) segundo a visão de cada um.

Um horizonte, vários pontos de vista, esta é a literatura produzida por este intelectual moderno.

Ao procedermos à leitura de seus textos, destacando a perspectiva dos narradores, as singularidades de seus olhares, encontramos em:

- Cleto Jatobá, o representante do homem moderno, em conformidade com os ideais (cientificismo, liberalismo, positivismo, racionalismo) síntese da modernidade. Conclama seus compatriotas a buscarem se adequar/conformar, tornar-se moderno. Não encontrando no seu mundo aproximação com as características modernas, sua fala se torna melancólica, descrente na vida, seu ser enxerga como único regozijo a morte. Visão pessimista da vida e do caráter humano sempre tendencioso a fazer o mal. Em sua fala há uma constante esperança de progresso, sem esquecer-se de valorizar o nacional, censurando aqueles desejosos de uma modernidade à européia. Todos são motivo de sua crítica ferina: o povo é como um boi que foi domesticado e preso por uma corda fina, tem grande força, mas por ter

sido alienado desde sua infância, não se sente, ou melhor, não conhece sua capacidade de romper com tudo que o aprisiona, libertando-se e mudando sua postura diante dos que o aprisionam, tornando-se independente e auto-suficiente. O autor nos apresenta em *Retirantes*, outro de seus textos, a imagem do retirante nordestino, retratando a condição miserável de vida. Alerta-nos, como no quadro “Os retirantes” de Portinari, para o sofrimento de famílias inteiras que para sobreviver tem que fugir “retirar” para outros lugares em busca de melhores condições de vida que possam trazer a dignidade perdida. Este texto também se caracteriza pela crítica a desigualdade presente em nosso país “Mas que diferença existe entre uma e outra região. Enquanto os filhos do sul vivem de bonança os filhos do nordeste morrem de inanição.” (CLETO JATOBÁ, 1932).

- K. Zuza, o homem pensador e letrado, representa aquele que mesmo estando no ambiente rural, caracterizado pela abundância, fartura de alimentos, caracteriza este mundo rural como um lugar triste, devido a distância dos outros homens, da alegria da cidade, grande movimento de pessoas e festas. Medo do novo (progresso). Mesmo com todos os pesares, se sente feliz no campo, em sua fala muitas são as maravilhas que a natureza proporciona, mostra que nem tudo na cidade está correto, não há mais poesia, os ambientes foram mineralizados, as árvores foram retiradas, não há mais passarinhos. Em suas “*Cartas da Serra*” procura mostrar seu interesse em manter contato com os outros homens, aqueles habitantes da urbe, busca fazer com que estes compreendam que mesmo estando na serra (campo) ele não deixa de se interessar com o que se passa na cidade, para isso ler os jornais que lhe são enviados por amigos. Espanto e incompreensão ao ver tantas novidades advindas das experiências científicas, das novas descobertas dos pesquisadores e estudiosos, e das modernas criações feitas pelo homem. Típico homem do campo que sofre com a exorbitância dos impostos e não aceitando sua condição, critica o não aproveitamento destes para o melhoramento das estruturas e o financiamento para o desenvolvimento da agricultura, do ambiente rural, sendo beneficiada só a cidade e os ricos com o progresso e a modernidade.
- T.B., suas características se assemelham aos românticos – melancólico, saudosista, apego a morte. Culto a natureza, vida simples, modesta, insatisfação com o presente.
- Tristão Barros (ortônimo), o homem da cidade, conhecedor desta, de seu espaço – barbearia, escolas – mas não satisfeito pelas mudanças ocorridas com os novos paradigmas modernos, sua insatisfação consiste principalmente em relação à conduta dos homens que não mais respeitam a tradição, tornando-se presunçosos e vaidosos. Há uma crescente degenerescência dos costumes, todavia ele constata a necessidade do progresso, da mudança, de novas construções e melhoria de vida. Conclama seus governantes a desenvolver projetos educacionais, produzindo crítica contundente ao desprezo atroz que estes têm com o povo e com o necessário

progresso. Mostra-se como um verdadeiro patriota.

- TOB JIM, o descritivo e realista. Faz referência a alguns ideais pregados no Realismo como o Determinismo de Taine e o Evolucionismo de Darwin. Mostra-se contra as concepções da estética romancista, esta caracterizada como sendo “besteira, ingenuidades, doce mas, é prejudicial” e representante dos ditames conformadores, mundo de aparências e que tornam passivos os indivíduos. No texto *Dentro da festa*, encontramos as características típicas das mulheres representadas no Realismo, fazendo assim intertextualidade com diversas obras dessa tendência que faz referência a mulheres que sofrem por viverem interiormente num mundo romântico, mas, socialmente contextualizadas no ambiente realista.

PERSPECTIVA

Em vias futuras de exploração do tema estudado, tencionamos ao aprofundamento das análises nas leituras dos textos de Tristão Barros, objetivando a uma maior apreciação dos pseudônimos, de suas distinções e aproximações. Assim, produzindo uma leitura que possa defender o caráter multifacetado da obra deste intelectual, uno e plural, arquiteto de um projeto literário em que ocorre a divisão de sua personalidade, corroborando para uma melhor adequação as vozes dos diversos tipos humanos que procurou retratar em seu fazer enquanto artesão das palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Eva Cristini A. C.. *Retratos Urbanos: Currais Novos entre os anos 1890 e 1930*. DVD, 2.ed., Currais Novos: TV SIDYS, 2008.

BOURDIEU, Pierre. (1990). O campo intelectual: um mundo à parte. In: *Coisas ditas*. Tradução de Cássia da Silveira e Denise Pegorim. SP: Brasiliense, p. 169-180.

BOURDIEU, Pierre. (1992). Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe. In: *A economia das trocas simbólicas*. 3º ed. Trad. Sérgio Miceli *et al.* SP: Perspectiva, p. 183-202.

CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlo A. M. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20 e 30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOPES, Marcos Antônio (org.). História intelectual: horizontes teóricos. In: *Grandes nomes da história intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, p.15-82.

SIRINELLI, Jean-François. (1996). Os intelectuais. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 259-279.